



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

MARCELLA PEREIRA SANTOS

A ESTRUTURA DA CANONIZAÇÃO DE GILKA MACHADO

Rio de Janeiro

2022

Marcella Pereira Santos

A ESTRUTURA DA CANONIZAÇÃO DE GILKA MACHADO

Monografia submetida à Faculdade de Letras,
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Letras na habilitação
Português e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo dos Santos
Coelho.

Rio de Janeiro

2022

*Ao meu pai (in memoriam) e à minha
mãe, por me apontarem o caminho.*

AGRADECIMENTOS

Não há como ser diferente: primeiramente agradeço a Deus, aos meus orixás e guias por não terem deixado eu desistir e poder, hoje, comemorar essa conquista tão querida.

À minha família, que nunca mediu esforços para que eu pudesse ter uma educação de qualidade. Meu pai, espero que de onde você esteja vibre comigo como eu sei que você faria. Mãe, obrigada por sempre acreditar em mim, até quando eu não acredito, e não medir esforços. Miguelito, obrigada por, mesmo sem entender direito, ser um refúgio. Vô e tia Glória (que é uma vó para mim), vocês também são minha fortaleza, a minha gratidão é eterna.

Ao meu namorado, Luccas, que a todo momento se fez presente, me entendeu, escutou todas as minhas dificuldades, não me deixou desanimar e acreditou que eu conseguiria.

Às minhas bichinhas, Dalila e Nina, por nunca me abandonarem e estarem comigo até tarde da noite enquanto eu escrevia sem parar.

Aos meus amigos da faculdade, meu muito obrigada pela troca incansável durante todos esses anos de graduação; ela não teria sido a mesma sem vocês.

Aos professores que me marcaram e me ensinaram muito além de conteúdo.

Agradeço, por fim, mas não menos importante, a mim mesma, por não desistir.

*Estou convicta de que a poesia é tão
indispensável à existência como a água, o ar, a
luz, a crença, o pão e o amor.*

(Gilka Machado)

*E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar*

(Francisco, el Hombre)

RESUMO

Gilka Machado, poetisa carioca conhecida por falar abertamente da liberdade e prazer femininos, foi uma escritora fora do convencional, pois, ainda no século XX, trouxe à tona uma escrita não esperada pela comunidade leitora à época, sobretudo por ser mulher. Assim, o objetivo dessa pesquisa é discutir a estrutura da canonização da poetisa Gilka Machado. De forma mais específica, o presente trabalho é dividido em três partes, com o intuito de analisar, sobretudo, os entraves que dificultam a canonização de Gilka. A canonização de Gilka, sob tal perspectiva, ainda está acontecendo, mesmo que de forma lenta, como foi apresentado através das pautas trazidas à sociedade pelos movimentos sociais. Existe, dessa forma, uma problematização que sinaliza uma outra forma de silenciamento político, afinal, uma mulher que já foi considerada a maior poetisa brasileira ainda não possui o seu devido reconhecimento. Por isso, mais do que reconhecer a grande escritora que foi Gilka Machado, é preciso continuar lutando para que sua poesia seja lida e compartilhada nos ambientes.

Palavras-chave: Gilka Machado. Cânone. Mulheres. Conservadorismo.

ABSTRACT

Gilka Machado, a poet from Rio de Janeiro known for speaking openly about women's freedom and pleasure, was an unconventional writer, since, even in the 20th century, she brought to light a writing that was not expected by society at the time, especially because she was a woman. Thus, the objective of this research is to discuss the structure of the canonization of the poet Gilka Machado. More specifically, the present work is divided into three parts, with the aim of analyzing, above all, the obstacles that hinder the canonization of Gilka. Gilka's canonization, from this perspective, is still happening, even if slowly, as was presented through the guidelines brought to society by social movements. There is, therefore, a problematization that signals another form of political silencing, after all, a woman who was once considered the greatest Brazilian poet still does not have her due recognition. For this reason, more than recognizing the great writer that Gilka Machado was, it is necessary to continue fighting so that her poetry is read and shared in environments.

Keywords: Gilka Machado. Canonization. Women.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	GILKA MACHADO: BREVE BIOGRAFIA E O CÂNONE LITERÁRIO	11
3	UMA “MATRONA IMORAL” SEM BRASILIDADE	18
4	REVIRAVOLTA COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO SÉCULO XXI	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

A poesia pode ser um espaço de transcendência, pois é através dela que podemos explorar lugares os quais no mundo material talvez não seja possível. Com o passar dos anos, a Literatura começou a ser uma arte contemplada por muitos leitores, principalmente com o avanço da internet. Contudo, em se tratando de poesia feita por mulheres, a recepção social pode não ser tão acolhedora, tendo em vista que, historicamente, a figura feminina sempre foi posta em um lugar de serventia e submissão ao homem, apenas. Nesse sentido, quando o cânone literário é posto em pauta, é fácil perceber que há um padrão ao qual homens pertencem e há pouco espaço para mulheres (principalmente aquelas não pertencentes às elites hegemônicas).

Gilka Machado, poetisa carioca conhecida por falar abertamente da liberdade e prazer femininos, foi uma escritora fora do convencional, pois, ainda no século XX, trouxe à tona uma escrita não esperada pela comunidade leitora à época, sobretudo por ser mulher. Com poesias mergulhadas em erotismo, sexualidade, sensualidade, é inegável que isso afeta a sua canonização de forma negativa. De acordo com as palavras do grande escritor Carlos Drummond de Andrade, para o *Jornal do Brasil*, Gilka foi vítima do conservadorismo social (ANDRADE, 1980, p. 7), de forma que isso afetou diretamente sua posição no contexto literário.

O cânone apresenta relações de poder que mantêm uma hierarquia entre homens e mulheres, na qual essas são vistas como inferiores. Tal pensamento é discutido pelo filósofo Terry Eagleton, em *Teoria Literária – Uma Introdução*, pois a Literatura também é e possui ideologia. Nesse caso, a não canonização de Gilka é apenas um reflexo de uma sociedade patriarcal que ainda não foi desconstruída.

Nesse viés, visando abordar a problemática que envolve a canonização de Gilka Machado, o presente trabalho, dessa forma, se dedica à discussão dos impasses os quais dificultam que a poetisa seja canônica.

O interesse nesta pesquisa surgiu a partir de uma junção de fatores que se entrelaçaram de forma orgânica e inesperada. O fim da minha graduação aconteceu – em parte – durante a pandemia do coronavírus; nesse contexto, com tantas dificuldades, incertezas do futuro e cansaço, cursei a disciplina de Poesia Brasileira: a verdadeira divisora de águas da minha breve carreira acadêmica. Foi naquele momento em que conheci Gilka Machado e encontrei a razão do meu trabalho. Além disso, o fato de uma poetisa tão impactante não ser trabalhada da forma que merece fomentou ainda mais o aprofundamento no tema.

Nesse sentido, ocorrem entraves para trazer a Gilka para os ambientes (acadêmicos ou não), uma vez que ela, na maioria das vezes, é posta à margem da recepção literária. Isso põe em evidência que há a necessidade de uma maior abordagem a respeito da pouca notoriedade que a poetisa possui, mesmo com toda a sua riqueza literária.

Embora suas obras sejam deveras importantes e inovadoras, Gilka não possui a visibilidade que deveria. Dessa forma, ao se analisar a estrutura da canonização da poetisa em pauta, é possível que, num futuro próximo, ela esteja cada vez mais sendo citada, discutida e trabalhada. Afinal, é importante que haja o entendimento de que o cânone brasileiro também pode ser composto por uma mulher, mãe, pobre, marginalizada.

Assim, o objetivo dessa pesquisa é discutir a estrutura da canonização da poetisa Gilka Machado. De modo mais específico, no capítulo um, buscou-se apresentar a poetisa, a sua escrita e a definição de cânone; no capítulo dois, explicar como o erotismo e a não preocupação com a noção de brasilidade presentes na poesia de Gilka são dois dos principais motivos para ela ainda não ser canonizada e, no terceiro capítulo, mostrar uma outra via, já que os movimentos sociais ao longo da história trazem, finalmente, notabilidade à Gilka.

GILKA MACHADO: BREVE BIOGRAFIA E O CÂNONE LITERÁRIO

No dia 12 de março de 1893, no Rio de Janeiro, nascia Gilka da Costa de Melo Machado, uma mulher que definitivamente inovou a história da literatura brasileira. Com a arte carregada no sangue através das gerações, casou-se com o também poeta Rodolpho Machado e teve dois filhos, Hélio e Heros. Gilka ficou conhecida, sobretudo, por falar abertamente sobre a liberdade feminina, sem qualquer tabu. Essa ideia pode ser vista no artigo *Gilka Machado e a crítica literária brasileira: relações de gênero e poder*, de Fernanda Nunes:

As diversas máscaras que a autora carioca usou para cantar o amor fizeram dela uma pioneira no tocante ao erotismo em nossas letras (NUNES, 2015, p.1).

Sem dúvidas, o que para muitos era uma transgressão à moral, hoje pode ser visto como algo bastante inovador, uma vez que Gilka foi uma das primeiras mulheres brasileiras a falar publicamente sobre assuntos estigmatizados pela crítica.

Em 1907, com apenas 14 anos de idade, Gilka venceu um concurso literário do jornal *A Imprensa* e foi a partir desse evento que seu nome começou a circular entre os críticos literários e os leitores. Ocorre que esse acontecimento espantou a sociedade (que sempre foi patriarcal) e gerou indagações, pois era uma menina, praticamente uma criança, escrevendo versos que continham erotismo. Eis o soneto ganhador do concurso:

É noite. Paira no ar uma etérea magia;
nem uma asa transpõe o espaço ermo e calado;
e, no tear da amplidão, a Lua, do alto, fia
véus luminosos para o universal noivado.

Suponho ser a treva uma alcova sombria,
onde tudo repousa unido, acasalado.
A Lua tece, borda, e para a Terra envia,
finos, fluidos filós, que a envolvem lado a lado.

Uma brisa sutil, úmida, fria, lassa,
erra de quando em quando. É uma noite de bodas
esta noite... há por tudo um sensual arrepio.

Sinto pelos no vento... é a Volúpia que passa,
flexuosa, a se roçar por sobre as coisas todas,
como uma gata errando em seu eterno cio.

Segundo a poetisa e professora Maria Lúcia Dal Farra (2017), ocorre, nos versos, um aproveitamento sonoro das palavras que colabora para o estabelecimento de sentido, além de uma intensa conexão entre o corpo humano e a natureza – que são marcas da escrita de Gilka. Além disso, nesse soneto, o qual pertence à seção *Noturnos*, do livro *Cristais partidos*, na última estrofe, há uma priorização às sensações prazerosas que por muito tempo foram cerceadas. Isso pode ser comprovado na palavra “Volúpia” grafada no verso com letra maiúscula, enfatizando o desejo. É uma volúpia que se compara a uma gata num cio eterno, de modo que suas sensações são levadas e trazidas pelo vento; isso é prazeroso, pois roça “sobre as coisas todas”.

Ainda que não se intitulasse feminista, Gilka se uniu, em 1910, às iniciativas feministas e ajudou a construir o primeiro partido feminista brasileiro, o Partido Republicano Feminino, o qual tinha como principal objetivo conquistar o direito feminino ao voto.

Seu primeiro livro, *Cristais Partidos*, viria a lume quatro anos mais tarde, em 1915. Enquanto isso colaborava em revistas, como *A faceira* e atuava como oradora oficial do Partido Republicano Feminino, organização política cuja pauta mais importante era a luta para que as mulheres tivessem o direito de votar (SOBRINHO, 2022, p.10).

Lutando ao lado de outras mulheres, Gilka conseguiu conquistar o direito feminino ao voto pelo Partido Republicano Feminino.

Em 1915, já adulta, Gilka estreia, de fato, na literatura, porque publica o seu primeiro livro de poemas, *Cristais Partidos*, que literalmente choca a crítica conservadora e rompe com os padrões estilísticos de produção literária, nos quais a mulher era o objeto submisso à criação, e não a criadora. Isso se comprova com a fala do crítico literário José Oiticica, para o periódico *Correio da Manhã*, em 1916:

O livro de D. Gilka Machado é a revelação de uma belíssima artista, de uma poetisa de primeira ordem. Pena é que seja, ao lado disso, um triste sintoma destes tempos. Vê-se que a falta de educação religiosa está a produzir outros frutos além do suicídio de adolescentes cansadas do sofrimento de quatorze ou quinze anos de vida, ao lado de bonecas e de papás. O conde Affonso Celso, em carta recentemente publicada, com grande calor aplaudiu a autora dos *Cristais Partidos*, felicitando-a pelo seu triunfo. As mães que com tanta razão confiam na opinião do eminente escritor católico devem ficar sabendo que ele só considerou o livro como obra de arte. Como obra de arte é realmente um triunfo. Mas não é uma leitura para meninas (OITICICA, 1916, p.05).

Essa fala de Oiticica tem como embasamento o pensamento misógino da época, o qual era muito comum e bastante difundido.

Outrossim, a sociedade passava por um período turbulento politicamente, porque as mulheres estavam num patamar diferente dos homens, não possuíam os seus direitos consolidados efetivamente, não eram vistas como intelectuais o suficiente e eram privadas de sua liberdade artística (SILVEIRA, 2021). Gilka lançou sua primeira obra numa República ainda muito imatura em se tratando de questões de gênero, o que refletia diretamente na invisibilidade das mulheres nas artes.

Para a surpresa de todos, em 1933, Gilka é eleita “a maior poetisa do Brasil”, por meio de um concurso produzido pela revista *O Malho*. Todavia, a escrita giliana gerou incômodo e polêmica, pois revelava um erotismo que as pessoas ainda não estavam acostumadas a ler. A realidade é que esse prêmio não passou de uma tentativa (com sucesso, diga-se de passagem) de neutralizar sua escrita, ou como disse o escritor Wilson Martins (1978) ser uma “tentativa psicanalítica de reduzir-lhe a importância”.

Ainda, de acordo com o artigo “Gilka, a maldita”, de Maria Lúcia Dal Farra:

Se, durante a sua vida, ela foi agraciada com o aceno de ser uma das maiores senão a “maior poetisa brasileira”, tudo não passara de prêmio de consolação (DAL FARRA, 2014, p.118).

Consolar para calar, ou seja, por mais que a sua obra fosse merecedora de reconhecimento, ela não precisava permanecer circulando, já que seus versos não eram dignos de uma mulher alinhada ao padrão do século XX.

Ao longo de sua vida, Gilka publicou outras obras, a título de conhecimento: *Estados de alma* (1917), *Mulher nua* (1922), *Meu glorioso pecado* (1928) e *Sublimação* (1938). Sob tal viés, é perceptível como a autora foi perspicaz em dar esses títulos às suas obras, pois em cada um há uma reflexão implícita:

Em *Estados de alma*, segundo livro da poeta carioca, lançado em 1917, o corpo é quem fala, confirmando a intensidade erótica de sua poesia, largamente explorada por sua fortuna crítica. Ela também atravessará o tempestuoso modernismo da década de 20, com toda a tempestuosidade de sua voz: em 1922, mesmo ano de realização da Semana de Arte Moderna de São Paulo, publica *Mulher nua*, título ousado para a época, especialmente para uma poeta-mulher. No final da chamada fase heroica do modernismo brasileiro, em 1928, vem à luz *Meu glorioso pecado*, título também

ousado, por conta da conjugação paradoxal e irônica entre “pecado” e “glória”. Dez anos depois, *Sublimação* mantém o paradoxo e a ironia emblemáticas da voz giliana (PIETRANI, 2019, p.80).

Ocorre que o reconhecimento de sua obra durou pouco tempo, uma vez que Gilka Machado rapidamente é esquecida e excluída do cânone literário brasileiro. No poema “Aspiração”, de *Estados de alma*, é possível observar como Gilka enfrentou as severas críticas que sofria por sua escrita:

Eu quisera viver
como os passarinhos:
cantando à beira dos caminhos,
cantando ao sol, cantando aos luares,
cantando de tristeza e de prazer,
sem que ninguém ouvidos desse aos meus cantares.

Eu quisera viver em plenos ares,
numa elevada trajetória,
numa existência quase incorpórea;
viver sem rumo, procurar guarida
à noite para, em sono, o corpo descansar,
viver em vôos, de corrida
roçar apenas pela vida!

Eu quisera viver sem leis e sem senhor,
tão somente sujeita às leis da natureza,
tão somente sujeita aos caprichos do amor...
viver na selva acesa
pelo fulgor solar,
o convívio feliz das mais aves gozando,
viver um bando,
a voar, a voar.
Eu quisera viver cantando como as aves

em vez de fazer versos,
 sem poderem assim os humanos perversos
 interpretar
 perfidamente
 meu cantar
 (...)

Eu quisera viver dentro da natureza,
 sufoca-me a estreiteza
 desta vida social a que me sinto presa.

Diante de uma paisagem verdejante,
 diante do céu, diante do mar,
 esta minha tristeza
 por momentos se finda
 e desejo sofrer a vida ainda
 e fico a meditar:
 como os homens são maus e como a terra é linda!
 (...)

O poema em voga mostra como houve uma indignação por parte da poetisa frente aos julgamentos que sua escrita sofria. Nos primeiros versos, é possível perceber uma voz poética que preferia o isolamento, ou seja, era melhor que ninguém escutasse sua voz, pois assim seu cantar seria avesso à sociedade.

É nítido que há uma ligação com a natureza (característica muito presente em sua obra), uma vez que ela gostaria de ser uma ave, livre, onde apenas as leis da natureza seriam capazes de ditar o certo e o errado. Segundo Fernanda Cardoso:

Temos aqui, portanto, a escritora buscando romper com o papel social que lhe era atribuído não só pela sociedade, bem como pelos seus pares no fazer literário. Diante do quadro da natureza fulgurante, ela medita sobre a maldade dos homens e a beleza da terra, apresentando um jogo sutil de oposições onde toda a crueldade humana se torna ínfima e é massacrada pelo deslumbramento provocado pela simples contemplação de uma bela paisagem. A escritora, portanto, bem sabe que a vivência poética

e a liberdade de expressão são bem maiores do que os ataques sofridos (NUNES, 2015, p.6)

Embora ocorra uma sensibilização por conta das críticas e do mau recebimento de sua poesia, Gilka entende que a sua lírica possui o seu valor, tanto que depois de *Estados de alma* escreveu outras obras significativas.

De outra parte, o cânone nada mais é do que uma representação fidedigna das relações de poder existentes numa sociedade (MUZART, 1995). Ou seja, são canonizados, majoritariamente, os autores que pertencem a uma elite, são brancos, europeus, possuem uma ideologia comum à maioria, são homens etc.

Nesse sentido, de acordo com o crítico literário Eduardo Coutinho (1996), discutir o cânone também é mostrar que existe um sistema de decisões particulares acordado entre as elites detentoras de poder, as quais legitimam apenas seus interesses individuais. Dessa forma, as produções literárias não pertencentes a esses grupos hegemônicos tornam-se sufocadas por um pensamento excludente e globalizador e são postas em segundo plano, às vezes, à margem da sociedade (CALEGARI, 2012).

Ora, é fato, então, que Gilka não seria tão aclamada facilmente, pois não estava (e ainda não está totalmente, como veremos a seguir) alinhada com os “pré-requisitos canônicos” da época. Afinal era mulher, pobre, mãe, viúva.

Os versos de Gilka são políticos, expressam uma ânsia pela liberdade feminina que desde sempre foi negada ou abdicada (para cuidar do marido e do lar, por exemplo). Nesse ínterim, no século XX, o que se esperava de mais uma mulher era que ela seguisse as normas conservadoras e moralistas. Contudo, o sujeito que encontramos em sua escrita é uma figura que rompe com os preceitos machistas; uma mulher que se põe num local onde é permitido expressar desejo e não ser apenas submissa. Temos essa observação no artigo *Literatura e resistência: uma análise discursiva do poema Ânsia de Azul de Gilka Machado*:

Podemos considerar que o discurso de Gilka é resistência ao poder dominante. Por isso mesmo, seu apagamento do cânone, ou o parvo reconhecimento do valor poético de sua obra, corresponde a uma tentativa de silenciamento, diríamos que muito mais de sua voz política, que de sua voz erótica. Diríamos ainda que, o silenciamento de sua voz erótica é usado estrategicamente para silenciar sua voz política, ou seja, desmerecê-la perante a sociedade – por exemplo chamando-a de matrona imoral –

corresponde a desmerecer a luta pelos direitos femininos (FAUSTINO; LOPES, 2019, p.67).

As autoras deixam claro na citação acima que há uma resistência por parte de Gilka ao poder canônico. Não obstante, ocorre também uma sociedade resistente ao novo – que pode ser explicada pelo patriarcalismo da época – a qual não fornece abertura para a apreciação (crítica ou não) de uma poesia feita por uma mulher. Ou seja, só são aceitas as produções feitas por homens, ou aquelas parecidas com as dos homens.

A canonização de Gilka, portanto, ainda não foi concretizada. Isso se deve, sobretudo, à limitação imposta à sua poesia erótica, à sua falta de brasilidade como sendo um assunto chave, aos preconceitos de classe, ao esquecimento. Apesar de já ter sido considerada a maior poetisa brasileira, o que vemos é um apagamento constante de sua obra e de sua existência.

UMA “MATRONA IMORAL” SEM BRASILIDADE

Gilka Machado faz parte de uma gama de autores “incompreendidos” pelos críticos literários, sem dúvidas, principalmente, por conta de sua lírica erótica. O lançamento do seu primeiro livro, *Cristais partidos*, chegou acompanhado de polêmicas, críticas e insatisfação; apesar de ter a sua poética reconhecida, seus versos não eram considerados dignos de uma mulher de família. Tão logo ocorreu uma das críticas que mais acompanhou (e machucou) a poetisa: Afrânio Peixoto, crítico literário, em 1916, refere-se a ela como uma “matrona imoral”.

Aquela primeira crítica (por que negar) surpreendeu-me, machucou-me e manchou o meu destino. Em compensação, imunizou-me contra a malícia dos adjetivos. (MACHADO, 1978, p.4).

É notório como a fala do ensaísta marcou a vida de Gilka, não só porque resumiu seu talento a versos imorais, mas também porque a deslegitimou como mãe perante a sociedade, afinal uma mulher viúva não poderia sentir desejo, tampouco ter um objeto de desejo, mas sim dedicar-se à casa e aos filhos. Ainda, de acordo com o artigo *Escrita, gênero e corpo: a poesia de Gilka Machado*:

Com o seu livro *Cristais Partidos*, publicado em 1915, Gilka Machado provocou sentimentos simultâneos de admiração e fúria, dividindo as opiniões dos representantes do meio literário e dos apreciadores de poesia da sociedade carioca de início do século XX. Tal furor deveu-se não só ao conteúdo erótico dos versos, mas, sobretudo, ao questionamento direto e indireto do lugar da mulher em uma sociedade que a incapacitava intelectualmente, privando-a dos meios efetivos de seu livre desenvolvimento criativo e artístico (SILVEIRA, 2018, p.262).

Nesse sentido, Gilka escreve sobre um corpo feminino que fala e quer ser ouvido, depois de tanto tempo sendo calado. A poetisa divide opiniões, e estava ciente disso, mas não se calou.

Pode-se dizer que a marginalização na qual Gilka ainda está inserida é histórica, mas não é aleatória. Isso se deve, sem dúvida, e novamente, à sua lira erótico-amorosa, que, inclusive, muitos tinham curiosidade de conhecer:

É verdade que seus volumes se esgotam: mas apenas porque todo mundo tem curiosidade de conhecer o “livro imoral” – como ela mesma sublinha na dita entrevista. No entanto, para vender mais, e sem o seu aval, os editores publicam edições apressadas, com profusão de erros tipográficos, com omissão de versos e, além de tudo, com arbitrariedades chocantes: trocam o inefável título *Meu glorioso pecado* por um anódino “Poemas”, talvez com o interesse de angariar também um outro público-leitor, para além daquele afoito a fantasias sexuais, já há muito assegurado. (DAL FARRA, 2014, p.120).

Os versos de Gilka claramente abalaram os leitores da época. Nisso tudo, a grande questão é que a escrita giliana falava abertamente sobre assuntos que as pessoas (principalmente as mulheres) fingiam não existir e tratavam com tabu. Prova disso é o esgotamento da sua obra, como supracitado, porque a curiosidade de ler versos que eram considerados proibidos aguçava a mente de uma sociedade conservadora ao máximo.

Tal pensamento machista do século XX era fundamentado, por vezes, por um discurso médico extremamente ilógico, de acordo com as autoras Sandra Gilbert e Susan Gubar:

(...) amplamente propagado no século XIX, e reverberado muitas vezes por um discurso médico, que pregava que muita instrução poderia ser perigosa para a mulher, levando-a à histeria, à loucura e até à morte (SILVEIRA, 2018, p.264).

Essa crença de que a leitura e a criação poderiam levar uma mulher à morte é totalmente patriarcal. Ora, será que a instrução também levaria os homens à histeria? Isso foi apenas mais um pensamento preconceituoso que estigmatizava mulheres artistas, como Gilka, e contribuiu para a marginalização dessas.

Gilka nunca deixou de ser alvo da maldade alheia. A exemplo, uma vez estamparam seu rosto numa caricatura de um jornal do Rio de Janeiro, onde estava com a saia levantada (parecida com a emblemática cena de filme feita por Marilyn Monroe) e um de seus versos do soneto “Reflexões” – cortado propositalmente – “Nasci para o pecado...”. Segundo Dal Farra (2017), a continuação do verso, se posta em cena, mostraria outra semântica: “Nasci para o pecado / se é pecado, na Terra, amar o amor”. Entretanto, não valeria, naquele momento, mostrar uma imagem romântica de Gilka. Nesse contexto, a poetisa continuou tendo seu nome perseguido, sendo sempre resumida a uma figura de erotização e tendo sua canonização adiada.

Por estar localizada numa fase de transição do simbolismo para o modernismo, Gilka se encontra “no meio do caminho”, embora muitos acreditem fielmente que ela é uma poetisa simbolista. O fato de ela não estar fixa em uma escola literária por si só já é um motivo relevante para que ela ainda não seja canonizada. Isto é, de acordo com Dias (2011), com a ascensão do Modernismo, muitos poetas foram esquecidos e colocados à margem; com Gilka não seria diferente. Isso é, o momento histórico em que ela está inserida é complexo:

Gilka Machado (1893-1980) publica *Cristais partidos* em 1915, em um momento difícil de precisar literariamente, o do pós-romantismo de 1880 a 1922, segundo Antonio Candido em *Literatura e sociedade*, ou o do pré-modernismo das duas primeiras décadas do século XX, na expressão cunhada por Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu de Amoroso Lima). Acerca desse período da literatura na Belle Époque brasileira, em que vários “ismos” são mais simultâneos do que sucessivos – parnasianismo, simbolismo, impressionismo, decadentismo, penumbrismo –, talvez só possamos dizer que nele convivem tendências conservadoras e renovadoras (PIETRANI, 2019, p.79-80).

É difícil categorizar, dessa forma, onde Gilka está totalmente inserida, porque sofre influência de várias escolas literárias que eram conservadoras. Contudo, não é o objetivo inseri-la em nenhum lugar fixo, já que a poetisa não pode ser resumida a um único momento; ela é atemporal.

Nessa perspectiva, sua escrita já era vista com maus olhares por conta do seu conteúdo, o qual quebrava os paradigmas da sociedade à época por tratar de assuntos que eram “proibidos” às mulheres. Ainda, ao não se enquadrar a uma forma de versos previamente valorizados, a rejeição é dobrada pela crítica.

Dotada de uma extrema irritação antiburguesa, Gilka ficou, e ficará sempre, como exemplo, isolado em seu tempo, de corajosa transgressão das expectativas sociais com respeito à mulher. Feminista, *avant la lettre*, rebelde, sua poesia é de revolta e inconformismo social, mas também, para usar a expressão de Eugênio Gomes, da “intensidade” (MORAIS, 2018, p.1035).

De fato, ainda que a canonização de Gilka esteja em andamento, ela ficará marcada na história como uma poetisa que foi transgressora, ainda que ela tenha sido fantástica, aos olhos de alguns leitores e críticos. Gilka emergiu num momento em que tudo estava embaralhado,

intelecto, ideologias, cultura; por isso, sua escrita é inovadora, porque expressa toda a movimentação do fim do século em que estava inserida.

Ademais, o simples fato de ser uma mulher de espírito livre já é um dos principais motivos para sua não canonização. Gilka, mesmo tão contrariada, já foi considerada a maior poetisa do país (prêmio da revista *O Malho*, em 1930). Entretanto, ao tratar de pautas femininas e se colocar como o **Eu** que deseja, o resultado é uma desmoralização da sua identidade. Afinal, Gilka desafiou a ordem.

(...) Afrânio revela ao amigo que Gilka não é “aquela moça branca e vistosa” que se mostra “nos retratos”, mas sim aquela “mulatinha escura, de chinelos, num vestido caseiro” que lhe aparecera então à porta. Só à luz desta citação pode-se entender por que Gilka, na mesma entrevista, se refere a Humberto de Campos com tanto rancor, asseverando que se tratava de um inimigo, de um difamador (DAL FARRA, 2017, p.121-122).

Além dos claros ataques que Gilka sofria por ser uma mulher, ainda precisava lidar com o preconceito racial. A poetisa era posta ainda mais à margem da sociedade por ser negra, fator que dificultava sua total inserção no cânone.

É claro que o cânone, como já foi dito anteriormente, estabelece expressiva relação de poder, na medida em que há uma autoridade que delimita o que é canonizado ou não, de acordo com Calegari (2012). Isso posto, o cânone literário reprime e exclui grupos marginalizados, como mulheres, LGBTQIA+, negros e pobres. Gilka, então, por ser uma mulher negra e pobre, automaticamente é excluída do cânone.

O fato de Gilka ser negra marcou fortemente a sua vida, principalmente no século XX, em que mesmo depois da abolição da escravidão pela Lei Áurea, em 1888, o preconceito racial perdurava (e ainda permanece, diga-se de passagem) na sociedade brasileira.

Apesar da enorme presença e contribuição dos negros em diversos âmbitos da economia, da política, da literatura e da cultura brasileira, eles, na maioria das vezes, foram avaliados sob uma ótica racista (CALEGARI, 2012, p.13).

As marcas deixadas pela escravidão, dessa forma, resumiam os negros à sua cor de pele, não se importando com a vida existente por trás dos corpos. Nesse contexto, a canonização de negros, como Gilka, era cada vez mais insustentável numa sociedade preconceituosa.

Tal desigualdade social pode ser vista, muitas vezes, na escrita giliana. Nesse sentido, vale analisar um de seus sonetos, *Ser mulher*:

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
 Para os gozos da vida: a liberdade e o amor;
 Tentar da glória a etérea e altívola escalada,
 Na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
 Para poder, com ela, o infinito transpor;
 Sentir a vida triste, insípida, isolada,
 Buscar um companheiro e encontrar um Senhor...

Ser mulher, calcular todo infinito curto
 Para a larga expansão do desejado surto,
 No Ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e oh! Atroz, tantálica tristeza!
 Ficar na vida qual uma águia inerte, presa
 Nos pesados grilhões dos preceitos sociais!

É importante mencionar que ser uma mulher nos séculos XIX e XX era por si só desafiador, uma vez que não havia a mesma liberdade que os homens possuíam, assim como ainda hoje não há. Nesse viés, na primeira estrofe, a voz poética descreve a sensação de já nascer sem a permissão de aproveitar os prazeres que a vida oferece, como a liberdade e o amor. Ou seja, a mulher não é apta a gozar dos momentos felizes.

A segunda estrofe apresenta o ponto chave para a interpretação desse soneto. A voz não encontra o amor, pois não acha uma outra alma tal como a sua: pura, livre, alada. A mulher busca ser feliz fora de sua realidade, mas, para sua infelicidade, o que encontra é apenas um Senhor, que a domina. É interessante observar a oposição entre a ideia de “companheiro”, o qual andaria junto com ela, e “senhor”, que remete à imagem de posse.

A terceira estrofe confirma a limitação imposta às mulheres. Isso porque há uma contradição em “infinito curto”; o infinito não possui fim, mas, para quem é mulher, há uma barreira em todas as suas ações e pensamentos, deixando “curtos” os seus sonhos e desejos.

A última estrofe mostra como é ter que se conformar com a sua realidade não sonhada. Há também uma contradição, pois “águia” nos remete à liberdade, mas uma águia inerte está parada, não porque cansou de voar, mas talvez porque não tenha tido chance de alçar os voos tão desejados.

Gilka não obteve ascensão social nem prestígio, porque isso depende de concessão dos poderosos, mas com sua poesia ela conseguiu fazer com que eles se sentissem incomodados (OLIVEIRA, 1999, p.262).

É possível afirmar, assim, que sua escrita incomodou as normas ditadas pela sociedade da época em que Gilka vivia. De qualquer forma, por bem ou por mal, o seu nome foi falado. Infelizmente, não foi só através dos bons adjetivos.

Entender o contexto que se passou na época de Gilka nos dias de hoje facilita compreender o porquê do estranhamento que se seguiu junto à obra da poetisa: expor o real sentimento de uma mulher do início do século XX (que não era livre, era fragmentada) ia contra a perspectiva espalhada na sociedade de que as mulheres eram felizes no padrão de vida no qual estavam inseridas, com seus afazeres domésticos, por exemplo. Além disso, de acordo com Rubia Vaz:

Ao analisar a poesia de Gilka Machado, percebe-se que esta quebra as expectativas em relação à poesia produzida por mulheres, tanto em função dos temas abordados como da qualidade dos versos, levando em conta os critérios dos críticos mais conservadores a respeito da forma (VAZ, 2008).

Nessa perspectiva, a lírica de Gilka colide com os preceitos moralistas do século XX e é cada vez mais abafada. Todavia, não era uma preocupação da poetisa se encaixar nos moldes dos homens.

Ora, embora Gilka se mostre consciente de sua realidade, através do soneto apresentado acima, o que ocorre é também um desencanto, porque não há felicidade alguma em ser uma mulher que não é livre como um homem.

Outro aspecto que dificulta a canonização de Gilka é o fato de ela não ter se preocupado em abordar, em seus textos, as questões que envolviam a noção de brasilidade, tão valorizada nas obras, principalmente dos homens, a exemplo de Manuel Bandeira (1886-1968), Oswald de Andrade (1890-1954) e Mário de Andrade (1893-1945). Com a transição do simbolismo para o modernismo, a maioria dos poetas preocupava-se em trazer a identidade nacional (tão buscada naquele momento) para as suas poesias.

O modernismo brasileiro foi, sem dúvida, um mecanismo da elite intelectual paulista para superar o sentimento de inferioridade que tínhamos em relação à Europa, sendo o papel da elite fundamental, pois grupos que não possuem influência na sociedade não conseguem promulgar uma nova identidade para o resto da população (FERRAZ, 2016, p.18).

Nesse viés, mais uma vez é possível perceber como as relações de poder movimentam as atividades sociais. A necessidade de construir uma identidade nacional, por conta do ressentimento da ideia de nação em relação à Europa, refletiu na literatura brasileira através de um nacionalismo crítico e ufanista presente nas obras.

Logo, embora Gilka soubesse da relevância do movimento modernista, a não preocupação em trazer tal assunto para suas obras fez com que a crítica reagisse mal a seus textos e a sua canonização não considerada como relevante.

UMA REVIRAVOLTA COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO SÉCULO XXI

Como já foi apresentado, Gilka Machado marcou a história do século XX por se destacar ao ser uma das mulheres que inseriram a poesia erótica na sociedade brasileira. Mesmo sendo um ato inovador, seu trabalho ficou conhecido, também, como sendo um ato desmoralizador, afinal, o conservadorismo enraizado entre os indivíduos era grande o suficiente para abafar a voz lírica da poetisa, como dito por Sobrinho (2022):

Em outras palavras, partindo de suas leituras de poetas homens contemporâneos e percebendo a ausência da voz feminina na poetização do desejo, ausência esta, obviamente consequência da perpetuação do discurso patriarcal em todos os campos da vida, Gilka Machado, ao dar protagonismo para essa voz, expõe uma ferida social, imprimindo, modernamente, sua escrita de palimpsesto nas letras dos homens (SOBRINHO, 2022, p.98)

Sob a perspectiva acima, o patriarcalismo presente no século passado impunha às mulheres apenas um lugar de fala recatado, onde elas deveriam prestar auxílio aos filhos e aos maridos, nada além. Contudo, Gilka, além de ser uma “chefe de família”, quebrou paradigmas ao mostrar que a figura feminina pode estar em qualquer ambiente desejado, como na literatura; o que causou um abalo social.

Entretanto, com o passar dos anos, hoje, no século XXI, não há como negar que os movimentos sociais, principalmente os feministas, nesse sentido, ajudam a trazer novamente o nome de Gilka à tona. Um exemplo disso é o lançamento de um livro (em 2017) que possui todas as suas obras, organizado pela jornalista e pesquisadora Jamyle Rkain e lançado pela editora Selo Demônio Negro. De acordo com a organizadora:

O fato de não estar – ou pouco estar – nos livros de História ou Literatura não faz de alguém uma pessoa menos importante. É preciso abrir os porões e dar a mão para que essas figuras ascendam e sejam reconhecidas pelas suas contribuições para a sociedade. Gilka Machado é apenas uma delas (RKAIN, 2017, p.3).

Segundo Rkain (2017), nesse viés, inserir Gilka novamente na sociedade é mostrar que ignorar a sua existência e contribuição não é justo. A obra de Gilka estar circulando novamente após praticamente 30 anos fora do mercado é um marco considerável. Nesse contexto, os movimentos feministas contribuíram para esse acontecimento, na medida em que as pessoas

buscam compreender mais sobre a história do feminismo e encontram o nome da poetisa perdido à margem da sociedade do século XX.

Outro exemplo importantíssimo e marcante no que se refere ao resgate de Gilka no século XXI foi a presença de uma questão abordando um de seus poemas, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 2011. Eis a questão:

Figura 1 - Questão 116 do caderno azul de Linguagens (ENEM, 2011)

Lépida e leve

Língua do meu Amor velosa e doce,
que me convences de que sou frase,
que me contornas, que me vestes quase,
como se o corpo meu de ti vindo me fosse.
Língua que me cativas, que me enleias
os surtos de ave estranha,
em linhas longas de invisíveis teias,
de que és, há tanto, habilidosa aranha...
[...]

Amo-te as sugestões gloriosas e funestas,
amo-te como todas as mulheres
te amam, ó língua-lama, ó língua-resplendor,
pela carne de som que à ideia emprestas
e pelas frases mudas que proferes
nos silêncios de Amor!...

MACHADO, G. In: MORICONI, I. (org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (fragmento).

A poesia de Gilka Machado identifica-se com as concepções artísticas simbolistas. Entretanto, o texto selecionado incorpora referências temáticas e formais modernistas, já que, nele, a poeta

- A** procura desconstruir a visão metafórica do amor e abandona o cuidado formal.
- B** concebe a mulher como um ser sem linguagem e questiona o poder da palavra.
- C** questiona o trabalho intelectual da mulher e antecipa a construção do verso livre.
- D** propõe um modelo novo de erotização na lírica amorosa e propõe a simplificação verbal.
- E** explora a construção da essência feminina, a partir da polissemia de “língua”, e inova o léxico.

Fonte: ENEM (2011).

O poema em questão é integrante da obra *Meu glorioso pecado*, não possui título e inicia-se com o verso “Lépida e leve”:

Lépida e leve

em teu labor que, de expressões à míngua,
o verso não descreve...

Lépida e leve,
guardas, ó língua, em teu labor,
gostos de afago e afagos de sabor.

És tão mansa e macia,
que teu nome a ti mesma acaricia,
que teu nome por ti roça, flexuosamente,
como rítmica serpente,
e se faz menos rudo,
o vocábulo, ao teu contacto de veludo.

Dominadora do desejo humano,
estatuária da palavra,
ódio, paixão, mentira, desengano,
por ti que incêndio no Universo lavra!...
és o réptil que voa,
o divino pecado
que as asas musicais, às vezes, solta, à toa.
e que a Terra povoa e despovoa,
quando é de seu agrado.

Sol dos ouvidos, sabiá do tato,
ó língua-idéia, ó língua-sensação,
em que olvido insensato,
em que tolo recato,
te hão deixado o louvor, a exaltação!

– Tu que irradiar pudeste os mais formosos poemas!
– Tu que orquestrar soubeste as carícias supremas!
Dás corpo ao beijo, dás antera à boca, és um tateio de
alucinação, és o elatério da alma... Ó minha louca

língua, do meu Amor penetra a boca,
 passa-lhe em todo senso tua mão,
 enche-o de mim, deixa-me oca...
 – Tenho certeza, minha louca,
 de lhe dar a morder em ti meu coração!...

Língua do meu Amor velosa e doce,
 que me convences de que sou frase,
 que me contornas, que me vestes quase,
 como se o corpo meu de ti vindo me fosse.
 Língua que me cativas, que me enleias
 ou surtos de ave estranha,
 em linhas longas de invisíveis teias,
 de que és, há tanto, habilidosa aranha...

Língua-lâmina, língua-labareda,
 língua-linfa, coleando, em deslizes de seda...
 Força inferia e divina
 faz com que o bem e o mal resumas,
 língua-cáustica, língua-cocaína,
 língua de mel, língua de plumas?...

Amo-te as sugestões gloriosas e funestas,
 amo-te como todas as mulheres
 te amam, ó língua-lama, ó língua-resplendor,
 pela carne de som que à idéia emprestas
 e pelas frases mudas que proferes
 nos silêncios de Amor!...

De acordo com Pietrani (2019), o poema acima é um metapoema, pois a combinação de sensações projetadas no leitor ao ler o texto em voz alta constrói no ser humano sensações físicas e emocionais variadas. Ainda:

Nesse poema, porém, o erotismo não é apenas tema, mas está no próprio corpo da palavra poética, que seduz o leitor pela exploração de vários sentidos (paladar, tato, visão, audição), como também pelas sugestões poéticas, de que são exemplos as reticências distribuídas ao longo do texto, que acentuam o sentido e a forma insinuantes do poema, e a imagem final, de certa forma paradoxal, da conjugação entre frase e silêncio: “e pelas frases que proferes/ nos silêncios de Amor!...” (PIETRANI, 2019, p.90).

Nesse viés, esse é um dos poemas mais famosos e sensuais de Gilka, o qual causa no leitor uma sensação física inexplicável. Ademais, é claro que a presença de Gilka numa questão de vestibular que engloba todo o país é muito significativa, ainda que tenha ocorrido há 11 anos. O ENEM tem como característica priorizar autoras e autores que não pertencem ao cânone. A Gilka, nesse contexto, não é uma poetisa comumente trabalhada no Ensino Médio, o que coincide com a tentativa de inclui-la na prova.

É fato, também, que a canonização de Gilka ainda é algo em andamento, a exemplo do seu nome ser pouquíssimo falado nas escolas, em ambientes acadêmicos, nas mídias... Além disso, é muito difícil sair do comodismo literário que aborda somente os mesmos nomes clássicos há muito tempo, como Clarice Lispector e Cecília Meireles, sem uma maior movimentação social.

O problema em questão não é que esses grandiosos nomes sejam abordados, afinal há espaço para todas e cada uma possui sua importância, mas sim que apenas eles, deixando Gilka novamente à margem. A figura que Gilka representa não deve ser resumida somente à erotização que está presente em seus versos.

Deve-se lembrar que ela já foi considerada a maior poetisa dos tempos. O processo de canonização, apesar de demorar, não pode ser esquecido. Gilka conquista mais espaço na comunidade leitora, sim, embora ainda seja muito pouco perto do que ela representa de fato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a estrutura da canonização da poetisa Gilka Machado, observa-se que há, portanto, entraves que dificultam (e muito) que ela seja considerada canônica. Isso se dá, sobretudo, por ser uma mulher que por muito tempo esteve à margem da sociedade, embora sua contribuição para a literatura brasileira tenha sido muito considerável.

É notável que Gilka sempre foi uma mulher silenciada, afinal viveu em um tempo em que as elites hegemônicas eram majoritárias e ditavam as regras. Ainda assim, a poetisa nunca se calou, embora o eco de sua voz tenha sido abafado.

O cânone, nesse sentido, carrega consigo relações de poder que impõem quem pode ou não escrever e quem deve ou não ser lido. O processo, então, para uma mulher marginalizada torna-se muito mais árduo e exaustivo, porque necessita de muito mais esforço para que aconteça.

A canonização de Gilka, sob tal perspectiva, ainda está acontecendo, mesmo que de forma lenta, como foi apresentado através das pautas trazidas à sociedade pelos movimentos sociais, como o movimento feminista. Existe, dessa forma, uma problematização que sinaliza uma outra forma de silenciamento político, afinal, uma mulher que já foi considerada a maior poetisa brasileira ainda não possui o seu devido reconhecimento.

Por isso, mais do que reconhecer a grande escritora que foi Gilka Machado, é preciso continuar lutando para que sua poesia seja lida e compartilhada nos ambientes. É necessário, também, que ela seja lida como o Eu feminino resistente a toda opressão sofrida pela sociedade classista e patriarcal. Assim, tão logo mais mulheres poderão se identificar com a escrita canônica de Gilka Machado, e não serão mais esquecidas ou descartadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EAGLETON, Terry. **Teoria Literária – Uma Introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. S. Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MACHADO, Gilka. **Dados autobiográficos de Gilka Machado**. In: Poesias completas. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL/MEC, 1978.
- OLIVEIRA, P. C. **Poesia erótica e construção identitária: a obra de Gilka Machado**. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 241–272, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5305>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- DIAS, Júlio César. **Erotismo de Gilka Machado: marco da liberação da mulher na literatura**. In: V Colóquio de História: Perspectivas Históricas. Campinas, 2011. p. 369 -382. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Colp.369-382.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- PIETRANI, Anélia. **Gilka Machado, poeta moderna**. Graphos, UFPB, João Pessoa, v. 21, n. 2, p. 79-95, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/48382/29399>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- SOBRINHO, Simone. **Um corpo estranho na literatura brasileira: a modernidade da lírica de Gilka Machado**. Orientadora: Constância Lima Duarte. 2022. 212 f. Tese (Doutorado) – Letras, Literatura Brasileira, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/42547>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- GRANDO, D.; MAFFEIS, J. **O mundo necessita de poesia: a lírica e a sociedade na obra de Gilka Machado**. Texto Poético, [S. l.], v. 18, n. 35, p. 125–141, 2022. DOI: 10.25094/rtp.2022n35a832. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/832>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- LEITÃO, Mary Nascimento da Silva; MARTINS, Elizabeth Dias. **A poesia insubmissa de Gilka Machado**. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 7., n. 1., JAN-JUN, 2018, p. 242-254. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51987>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- MORAIS, Suzane. **Gilka Machado e os (des)caminhos da transgressão**. In: Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 2. Rio de Janeiro, 2010. p. 1035-1041. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1034-1041.pdf. Acesso em: 24 nov. 2022.
- CALEGARI, L. C. **O cânone literário e as expressões de minorias: implicações e significações históricas**. REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 29–44, 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/354>. Acesso em: 24 nov. 2022.

MUZART, L. **A questão do cânone**. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 85–93, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>. Acesso em: 24 nov. 2022.

NUNES, Fernanda Cardoso. **Gilka machado e a crítica literária brasileira: relações de gênero e poder**. Anais XI CONAGES. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10663>. Acesso em: 24 nov. 2022.

DAL FARRA, M. L. **Gilka, a maldita**. Teresa, [S. l.], n. 15, p. 117-129, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/98599>. Acesso em: 24 nov. 2022.

FERRAZ, Amanda. **Modernismo e identidade nacional: o papel do ressentimento na ideia de Brasil**. Orientador: Paulo César Nascimento. 2016. 56 f. Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Políticas, Instituto de Ciências Políticas, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14212/1/2016_AmandaMontalv%c3%a3oFerraz_tcc.pdf. Acesso em: 24 nov. 2022.

SILVEIRA, Suzane. **Escrita, Gênero e Corpo: A poesia de Gilka Machado**. Revista Cacto: Literaturas de Autoria Feminina, Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online. v. 1. n. 1. Pernambuco. 2021. p. 262-275. Disponível em: <https://revistas.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/263/291>. Acesso em: 24 nov. 2022.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Gilka, a antecessora**. Jornal do Brasil, RJ, p.7.

VAZ, Rubia. **Liberação da mulher por meio da obra poética de Gilka Machado**. Disponível em: <http://litteradenutata.blogspot.com/2008/12/liberao-da-mulher-por-meio-da-obra.html?zx=ceae84c3aa58ed9f>. Acesso em: 24 nov. 2022.